

A linguagem técnicas como iconografia da engenharia de áudio: uma abordagem sobre o valor estético sonoro agregado no *input list*, *mapa de palco* e *rider técnico*

Ralmon Sousa Pereira
UFCG

As informações contidas no *input list*, *mapa de palco* e *rider técnico* são de fundamental importância para auxiliar nas tomadas de decisões do engenheiro de áudio, de modo que, à instrumentação e os equipamentos, assim como, a dimensão espacial dos performers no palco, apresentados como linguagem técnica, trazem consigo elementos importantes e que configuram-se nas características performáticas do grupo, como também, apresentam indícios de como é/ou pode ser trabalhado a sonoridade do mesmo. Portanto, estas informações técnicas podem trazer subsídios necessários para a utilização de ferramentas e suas aplicações de forma assertiva. Nessa perspectiva, podemos conjecturar que o *input list*, *mapa de palco* e *rider técnico* representam recursos visuais e descritivos, passíveis de interpretação imagética do som, contribuído para o processo de captação e mixagem? Este trabalho apresenta uma discussão sobre uma perspectiva inovadora do ponto de vista conceitual que reverbera a partir das informações técnicas, utilizando-as como subsídios que traduzem as características performáticas de um grupo musical, que ao apropriar-se desse manual visual-descritivo, o engenheiro de áudio passa a ter uma visão geral de como é a sonoridade da performance do grupo e, a partir dessas informações descritas, ele passa compreende a proposta sonora, auxiliando nos processos e aplicações que devem ser utilizados para amplificar esse modelo descritivo, característico da estética sonora que será executada e mixado no show ao vivo - *Front Of House* - FOH. Para tanto, o objeto deste estudo laboratorial foi o grupo *Flauta de blocos da Universidade Federal do Pernambuco* - UFPE, que realizou uma performance musical no *Festival Internacional de Música de Campina Grande/Paraíba/Brasil*, resultando em processo sonoro conceitual a partir das diretrizes apresentadas no *input list*, *mapa de palco* e *rider técnico*. Portanto, conclui-se que tais informações técnicas trazem consigo características intrínsecas de como o grupo se comporta no momento da performance no palco, principalmente, no tocante a sua estética sonora impressa como linguagem técnica que pode ser decodificada por meio das descrições formuladas a partir de imagens e textos descritivos.

1. Introdução

As primeiras informações que um engenheiro de áudio deve ter em mãos são: formação instrumental do grupo musical, disposição dos músicos no palco, e quais os equipamentos serão utilizados no show. Para isso, é necessário ter todas estas informações pertinentes ao grupo em forma de linguagem técnica, ou seja: *input list*,¹ *mapa de palco*² e *rider técnico*.³

Nesse sentido, a linguagem técnica pode ser passível de interpretação sobre os aspectos performativos evidenciando uma estética sonora do grupo. Desse modo, as informações contidas na linguagem técnica são necessárias para auxiliar o engenheiro no processo de escolha e posicionamento de microfones, assim como na mixagem *Front Of House*,⁴ de forma assertiva? Este trabalho discute sobre a importância da linguagem técnica, por exemplo: imagens, textos descritivos, adereços ou outros elementos descritivos, como norte para auxiliar o engenheiro na escolha e uso de equipamentos no processo de captação de áudio e mixagem ao vivo.

Para tanto, lançou-se mão da performance do grupo *Flauta de blocos da Universidade Federal do Pernambuco - UFPE*, como pesquisa laboratorial, a partir da sua apresentação performática no *Festival Internacional de Música de Campina Grande*,⁵ o qual resultou em uma mixagem *Front Of House - FOH* esboçada de forma conceitual, com base na linguagem técnica como ponto de partida e caminhos de decisões assertivas durante o processo de captação e mixagem. Por fim, conclui-se que tais elementos presentes na linguagem técnica imprimem aspetos relevantes sobre estética sonora por meio da decodificação de imagens e elementos descritivos na performance.

2. Representação e representatividade da linguagem técnica

A estética sonora e a performance musical podem ser utilizados como recursos representativos de um grupo musical, por vezes, podendo influenciar nas tomadas de decisões do engenheiro no processo de captação e mixagem de um show musical, circunscrevendo diretrizes para estabelecer uma coerência estética

1 I/O dos canais de cada instrumento, microfones e seus acessórios.

2 Imagens que descrevem a organização dos músicos no palco e trazendo consigo sugestões de equipamentos específicos para os instrumentos.

3 Apresenta especificações mais detalhadas sobre os equipamentos como marca, por exemplo.

4 Este termo diz respeito à mixagem do som que vem do palco da apresentação musical, isto é: o som que está sendo projetado para o público.

5 FIMUS - Festival Internacional de Música de Campina Grande, que apresenta uma diversidade de repertórios, que vai da música erudita ao popular.

sonora e performativa com as características do grupo musical sob três elementos imagéticos e descritivos presentes na linguagem técnica, tais como: (1) *input list*, que apresenta informações descritivas sobre a instrumentação e os canais utilizados, (2) *mapa de palco*, ressalta o posicionamento dos instrumentos no palco, (3) *rider técnico*, engloba as informações contidas no *input list* e *mapa de palco*, aprofunda-se mais nas especificações de equipamentos e procedimentos (ROSA, 2021).

Assim como a partitura é uma representação da escrita musical (SYBINE, 2015), a linguagem técnica é uma representação da engenharia de áudio, com seus elementos descritivos (imagens e/ou textos) podem trazer consigo indícios da estética sonora e ampliar as possibilidades de ações e decisões, de forma assertiva, pelo engenheiro frente ao processo de captação e mixagem. Sobre a representação imagética, podemos entender que elas se configuram em elementos de interpretação. Segundo Resende (2015), as imagens contidas na capa de *discos do trio Sá, Rodrix & Guarabyra*, produzido no Brasil, nos anos de 1970, ressalta a evidência de traços estéticos sonoros do trio, que podem ser identificados a partir da sua formação instrumental.

Nesse sentido, entende-se que os elementos extramusicais, por vezes, podem apontar indícios impressos da estética sonora de um grupo, e portanto, passíveis de interpretações. Desse modo, as informações apresentadas na linguagem técnica (*i.e.*, *input list*, *mapa de palco* e *rider técnico*), configuram-se em um guia conceitual em forma de notação técnica, ou uma espécie de manual visual-descritivo, que traz consigo características musicais performáticas, podendo ser utilizadas, pelo engenheiro, como ferramenta de uso conceitual no processo de captação e mixagem ao vivo.

Assim sendo, as características performativas incorporam elementos relevantes para nortear o fazer técnico-artístico na engenharia de áudio, desde o processo de escolha e posicionamento de microfones, até sua culminância na mixagem ao vivo. Vale ressaltar que, a identidade sonora de um grupo pode está atrelada, ou reside na sua performance. Desse modo, a performance é um aspecto relevante, pois pressupõem a presença de aplicações de cunho técnico e artístico.

Gibson (1997, p. 5-6), apresenta vários aspectos como fundamentos antes do processo de mixagem, e a performance musical é um deles, apresentando várias nuances para serem observadas pelo engenheiro de áudio e/ou produtor musical, a exemplo: técnica dos músicos, afinação, articulação do tempo, dinâmica, entre outros. Embora seja ambientes diferentes de trabalho (gravação e show ao vivo), mas, este aspecto pode ser observado e aplicado pelo engenheiro durante o processo de

captação de áudio. De modo a verificar a execução dos músicos, para captar o som que aproxime da fidedignidade da fonte sonora, a fim de contribuir com o fazer técnico-artístico na mixagem.

Diante disto, testifica-se que as tomadas de decisões do engenheiro podem ser baseadas em possíveis estruturas técnicas e/ou artísticas que podem está presentes nos recursos de trabalho como: *input list*, *mapa de palco e rider técnico*, que resalta elementos históricos de apresentações, podendo ser efetivados, conceitualmente, no processo de captação de áudio e mixagem *Front Of House*.

Outro fator relevante é que, a mixagem conceitual traz consigo uma perspectiva também histórica, ou seja, é necessário levar em consideração o contexto cultural e seus elementos, tornando-se ferramentas de trabalho indispensáveis no processo de mixagem (PEREIRA, 2020).

3. Perspectiva laboratorial

Inicialmente é importante ressaltar que a escolha e posicionamento de microfones são etapas fundamentais no processo de captação de áudio, que podem corroborar com a espacialidade e distribuição tridimensional - 3D⁶ do som para os alto falantes, partindo da perspectiva espacial apresentada na linguagem técnica. Nesse sentido, a imagem 01 apresenta o ponto central, pois, a partir dele, podemos visualizar e/ou mapear os elementos que dizem respeito às dimensões do ângulo em 3D, que circunscreve: altura, largura e profundidade.

Imagem 1. Ponto central para o engenheiro de áudio



Fonte: Fimus 2018.⁷

6 Está relacionada ao ângulo X, Y e Z cf. (GIBSON, 1997).

7 Link de acesso: <<https://www.facebook.com/fimusfestival/photos/1525110964301209>>. Acesso em: 28 maio. 2021.

A priori, foram utilizados três microfones direcionados ao centro, cruzando-se um ao outro. Desse modo, o microfone da esquerda (1) buscou captar o som vindo da direita, e sua dimensão espacial; o microfone da direita (2) buscou captar o som vindo da esquerda, bem como sua dimensão espacial, e o microfone do centro (3) buscou captar o som geral, consequentemente sua dimensão espacial.

Imagem 2. Dimensão espacial para o engenheiro de áudio



Fonte: Fimus 2018.⁸

Um fator relevante é que, na imagem 02 pode ser identificado elementos considerados como indício de uma prática recorrente das culturas populares, no tocante a utilização da simultaneidade de expressões artísticas em tempo real, a saber: canto sincronizado com coreografia, dança e a inserção do corpo como expressão cultural. Assim sendo, percebe-se que diante dessa atuação performática⁹, pode ser observado também a formação instrumental, posicionamento dos equipamentos, dimensão espacial dos *performers* no palco, estes provenientes da linguagem técnica, apresentando uma variedade de elementos musicais e extra-musicais, podendo ser traduzidos em elementos sonoros a partir do uso meticuloso da escolha e posicionamento de microfones, assim como, a inserção da espacialidade do som nos alto falantes durante a mixagem.

8 Link de acesso: <<https://www.facebook.com/fimusfestival/photos/1525113187634320>>. Acesso em: 28 maio. 2021.

9 Podemos entender como uma atividade que se apropria de vários elementos musicais e extra-musicais, utilizando o cenário para explorar e ampliar o campo de atuação das diversas expressões do corpo.

4. Considerações finais

Assim sendo, o *input list*, *mapa de palco e rider técnico - linguagem técnica*, representam elementos cruciais no show, atribui indícios da estética sonora a partir de elementos performáticos para auxiliar o engenheiro nas tomadas de decisões, entendendo que, tais informações técnicas trazem consigo características intrínsecas sobre o grupo, como está disposto no momento da performance no palco, principalmente, no tocante a sua estética sonora impressa como linguagem técnica que pode ser decodificada por meio das descrições formuladas a partir das imagens e textos descritivos.

Por fim, esta discussão traz alguns apontamentos sobre o uso da *linguagem técnica* como norte para auxiliar o engenheiro no processo de captação mixagem, ao mesmo tempo, apresenta indícios da identidade musical, como elemento característico do grupo, sua estética sonora, sua performance e outras impressões que podem ser decodificadas a partir de imagens e de textos descritivos (i.e., linguagem técnica).

Referências

- GIBSON, David. **The art of mixing. a visual guide to recording, engineering, and production.** Vallejo, CA: Mix books, 1997. Disponível em: <<https://lhsmusictech.files.wordpress.com/2014/01/the-art-of-mixing-a-visual-guide-to-recording-engineering-and-production-1997-david-gibson-mix-books.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- SOARES, Vinicius. **Palco digital:** mapa de palco, rider técnico e input list: sua banda já possui? 2018. Disponível em: <<https://opalcodigital.com.br/site/mapa-de-palco-rider-tecnico-e-input-list-sua-banda-possui/>>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- PEREIRA, Ralmon Sousa. Estética sonora: delineamento do processo de mixagem a partir do conceito identitário de um gênero musical (jazz). **Anais... IX** encontro de pesquisadores em comunicação e música - black music e as melodias do caos - musicom black (modo virtual). 20 e 30 de set de 2020, p. 1-15. Disponível em: <https://redemusicom.files.wordpress.com/2020/12/gt-02_ralmon-pereira.pdf>. Acesso em: 31 maio. 2021.
- RESENDE, Victor Henrique. Iconografia, iconologia e fato musical: análise das capas de disco do trio Sá, Rodrix & Guarabyra. **Revista Música Hodie**, Goiânia, V.15 - n.1, 2015, p. 71-86.
- ROSA, Lucas Sena. O que é mapa de palco, inputlist e rider técnico? publicado no youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AreeFgjq-ZrI>>. Acesso em: 31 maio. 2021.
- SYBINE, Evandro . Gravura e Música: um diálogo entre linguagens. **Anais... 3º** Congresso Brasileiro de Iconografia Musical - 3º CBIM. “Iconografia, Música e Cultura: relações e trânsitos.” Salvador: RIDIM-Brasil; UFBA, 2015. p. 611-620.